



CARMELITAS EM ANGOLA NO SÉCULO XVIII: VIDA MATERIAL, PRÁTICA ESPIRITUAL E DEVOÇÃO AOS SANTOS NEGROS

Palavras-Chave: ANGOLA, ESCRAVIDÃO, RELIGIOSOS

Autores/as:

MARINA LUZ DE CARVALHO - UNICAMP

Prof.ª Dr.ª LUCILENE REGINALDO (orientadora) - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

As ordens dos Carmelitas e dos Jesuítas foram umas das principais ordens a levarem missionários e influenciar as vidas no continente africano. Sendo o foco da pesquisa a Angola, exploramos as práticas espirituais, o envolvimento desses religiosos com o tráfico de escravos, latifúndios chamados de arrimos e suas relações com as elites políticas e econômicas da região.

METODOLOGIA:

Para mapear as possíveis atividades e envolvimento desses religiosos nas suas missões em Angola utilizamos os registros e manuscritos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU). Este arquivo possibilitou mais informações sobre como eram feitas grande parte das atividades, além de apontar hiatos entre as missões, alguns dos religiosos envolvidos e mais informações sobre a região e seus habitantes.

Após um levantamento dos documentos que mencionavam Angola e, em particular, essas ordens durante o século XVIII, passamos a separar especificamente os que nos informavam algo sobre como as missões eram levadas, os envolvimento dos clérigos em atividades extra-religiosas e conexões com o Brasil, a elite política e econômica da região e outros portugueses resididos ali.

Os dois volumes de História de Angola de Elias Alexandre da Silva Corrêa também foram importantes para apoiar os levantamentos, já que tratam de vários aspectos da vida e dos costumes em Luanda e várias localidade do Reino. Além de destrinchar as principais atividades econômicas, o comércio e o funcionamento do exército regional, o autor dedica atenção especial aos arrimos e sua administração perpassando pelo envolvimento dos carmelitas com essas propriedades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao trabalhar com as fontes impressas do século XVIII, tentamos fazer um mapeamento geral das atividades dos carmelitas e dos jesuítas e, assim, encontramos indícios de atividades dos religiosos para além do serviço espiritual. Entretanto, a falta de documentos digitalizados representou um grande desafio tanto para o mapeamento, quanto para entender como e em qual grau esses missionários estavam envolvidos com outras redes complexas da região. Assim, grande parte da pesquisa se debruçou sobre a bibliografia para tirar grande parte das conclusões.

Para entender o processo dos missionários é importante compreender como as Grandes Navegações influenciaram a dinâmica do Atlântico e dos impérios envolvidos na exploração deste. A maior integração do mundo, possibilitada por estas, ligou principalmente o continente americano ao centro-oeste da África, sendo estas regiões principalmente controladas por Portugal e Espanha. Essas novas conexões geraram um impacto demográfico grande, envolvendo a África por completo.

As novas rotas levaram a grandes caminhos para a viagem e comércio, que definiram a configuração da zona atlântica; sendo uma forma de poder e controle. Outro fator importante foi a possibilidade de lucros imediatos e do uso de tecnologia já existente, tornando os custos básicos baixos.

Nesse contexto, portanto, as missões evangelizadoras além de catequese também significavam disciplinar, moldar os costumes dos nativos e introduzir as regras de comportamento civil, que representavam a base da identidade cristã. Assim, a Companhia de Jesus pensava sua atividade como uma extensão da influência portuguesa e um instrumento de promoção dos interesses da Coroa, sendo as ocupações centrais da missão eram a pregação, o catecismo e obras de caridade. Também usavam muito a escola como mecanismo de difusão do cristianismo entre as crianças, funcionando também como polo administrativo, centro de irradiação missionária e escola para leigos. Essa característica permitiu uma sedentarização maior das missões, uma vez que ficavam centralizadas nos colégios.

Os carmelitas entretanto afirmavam que os africanos eram inclinados à fé cristã, respeitando os costumes, jejuns além de considerarem que facilmente deixavam a idolatria, reconheciam seus erros e se convertiam à fé cristã. Além disso, consideravam que os locais possuíam bom intelecto e memória e eram também hábeis politicamente. Ainda assim, porém reforçava a necessidade de ajuda e vigilância dos missionários, que poderiam ser facilmente corrompidos como se fossem crianças incapazes de vontade própria, altamente influenciáveis e pacíficos.

CONCLUSÕES:

Assim, mesmo com os empecilhos da dificuldade de acesso aos documentos, as fontes bibliográficas, além de fundamentais, possibilitaram um melhor mapeamento das atividades das ordens religiosas. Apesar de suas dificuldades de infiltração no interior, ambas as ordens se envolveram fortemente em todas as etapas do processo de tráfico de escravos, levando a redes de conexão inclusive no Brasil. Ademais, a posse de arrimos no interior, administradas por terceiros também permitia mais lucros aos missionários, além de uma posição social elevada. Outro envolvimento encontrado com os religiosos foi o dos negócios com marfim, pólvora e armas; os últimos principalmente porque a guerra era um dos principais meios de se adquirir escravos, portanto, quanto mais tráfico mais guerras eram incentivadas a fim de alimentar o sistema. Muitos dos clérigos tinham conexões e até mesmo famílias dentro da rede comercial de Angola, possibilitando ascensão não só para eles mesmos, como também para seus contatos.

Dessa maneira, o envolvimento das ordens ia para muito além de fechar os olhos para o tráfico, sendo eles, muitas vezes, participantes ativos ou incentivadores para o sistema.

BIBLIOGRAFIA

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: Irmandades africanas e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo, Alameda, 2011

Fundo do Conselho Ultramarino Série Angola Documentos manuscritos avulsos Catálogo parcial. <http://ahu.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/24/2018/04/PT-AHU-CU-ANGOLA-Parcial1602-1799.pdf>

CADORNEGA, A. D. O. *História Geral das Guerras Angolanas*. 1. ed. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972.

CORRÊA, E. A. D. S. *História de Angola: Volume I*. 1. ed. Angola: [s.n.], 1937.

Almeida, Carlos. *Uma infelicidade feliz*. A imagem de África e dos africanos na literatura missionária sobre o Kongo e a região mbundu (meados do séc. XVI-primeiro quartel do séc. XVIII). Diss. Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2009.

GABRIEL, Manoel Nunes. *Padrões da Fé*. Igrejas Antigas em Angola. Luanda: Arquidiocese de Luanda, 1981.

PEREIRA, Magnus. Rede de Mercês e carreira: O "desterro de Angola" de um militar luso-brasileiro (1782-1789). *História: questões e debates*, Curitiba, n. 45, p. 97-127, 2006.

